

# Do seio à mesa: a alimentação da criança nos primeiros textos médicos brasileiros do século XIX

## *From the breast to the table: child feeding in the first Brazilian medical texts of the 19th century*

**Mariana de Paula Cintra**

Doutoranda e Mestre em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho, UNESP

**Resumo:** Escrever, dissertar, ensinar, aprender e desenvolver conhecimentos sobre a saúde e as doenças manifestas na infância foram preocupações dos primeiros textos das escolas superiores oitocentistas, cuja intenção era disseminar esse saber no Brasil. Não por acaso, uma série bastante expressiva de teses, jornais, manuais e tratados específicos sobre os cuidados com a criança – ora frutos das pesquisas realizadas dentro dos cursos de medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, ora escritos no exterior e traduzidos para a língua portuguesa – circularam entre os médicos brasileiros e fomentaram um saber, até então, pouco conhecido deste lado do Atlântico: a medicina sobre a infância. Tendo como baliza estes primeiros esclarecimentos, o presente artigo propõe analisar por que, onde e como foram arquitetados os primeiros referenciais teóricos desenvolvidos no âmbito dos cursos médicos superiores sobre uma tópica fundamental para se entender o trato do corpo infantil à época: o comer. Em suma, o que se pretende nestas páginas é dar a conhecer como a nascente ciência médica nacional, instituída oficialmente no ano de 1808, sistematizou uma gama de proposições sobre a alimentação dos meninos pequenos. Dos primeiros dias de vida aos cinco anos de idade, quais alimentos deviam compor a nutrição de uma criança? Segundo o discurso médico, do que tinham necessidade as primeiras idades da vida? Por fim, o que o leitor encontrará neste breve estudo é um mapeamento sobre como a alimentação circundou as primeiras tentativas de construir um conhecimento médico sobre os seres tidos como “frágeis” no Brasil de outrora.

**Palavras-chave:** Alimentação; Medicina; Infância; Impressesos.

**Abstract:** Writing, lecturing, teaching, learning and developing knowledge about health and diseases in the early ages were concerns of the first Brazilian academic texts, whose intention was to promote the science of healing. Not by chance, a very expressive series of theses, newspapers, manuals and specific treatises on child care - sometimes the result of research carried out within higher education courses in Rio de Janeiro and Bahia, now written abroad and translated into the language Portuguese - circulated among Brazilian doctors and fostered knowledge, until then, little known on this side of the Atlantic: medicine about childhood. Based on these first clarifications, this article proposes to analyze why, where and how the first theoretical frameworks developed in the context of higher medical courses were designed on one of the crucial topics for understanding the treatment of the infant's body at the time: food. In short, what is intended in these pages is to make known how the nascent national medical science, officially instituted in 1808, systematized a range of propositions on the feeding of small children. From the first days of life to five years of age, what foods should make up a child's nutrition? According to the medical discourse, what did the early ages of life need? Finally, what the reader will find in this brief study is a very accurate mapping of how food surrounded the first attempts to build medical knowledge about beings considered “fragile” in Brazil in the past.

**Keywords:** Food; Medicine; Childhood; Printed.

## Introdução

Um dos primeiros e mais importantes estudos sobre os cuidados com a infância escrito em língua vernácula – e amplamente divulgado entre os letrados brasileiros no Oitocentos – tinha, entre as muitas tópicas analisadas, um capítulo dedicado à alimentação nas primeiras idades da vida. De autoria do médico mineiro Francisco de Melo Franco (1757-1822),<sup>1</sup> o *Tratado de Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa*, vindo à público no ano de 1790, colocava a nutrição infantil no centro das atenções médicas do período. Quando o assunto era a relação entre a alimentação e a saúde, Franco comentava que:

Vulgarmente pensam que as crianças são umas máquinas sumamente débeis e delicadas; e na verdade assim é. Mas devemos notar que esta debilidade, sendo-lhes natural, não é doença, e, por conseguinte, não admite remédios, nem deve dar cuidado. Desgraçadamente, porém, pretendem algumas pessoas menos prudentes emendar esta debilidade, dando-lhes muito de comer, e abafando-as muito; de maneira, que, pelo comum, as suas doenças nasçam do demasiado comer, do demasiado abafar, e do pouco exercício. E, por estas pessoas julgarem que o leite dá pouca sustância, procuram remediar este defeito, principiando desde logo a dar-lhes de comer. Este é um dos erros mais manifestos e prejudiciais; pois, como não bastará às crianças o leite, se temos observações de pessoas adultas, que dele unicamente viveram largo tempo? [...] (FRANCO, 1790: 67)

A crítica tecida pelo autor se justificava pelo fato de que muitas amas e mães não se davam por satisfeitas em nutrir as crianças com o leite nos primeiros anos de vida. Por isso, introduziam, antes do tempo correto, alimentos mais pesados e sólidos que, segundo o médico, eram impróprios para o organismo ainda frágil da criança. Visivelmente defensor da amamentação materna e do leite como único e exclusivo primeiro alimento a ser ofertado ao recém-nascido, Franco introduz uma questão que, pelo menos no Brasil, pouca discussão havia gerado até aquele momento: o equilíbrio entre o bem nutrir e o exagero. Anos após ter sido publicado o *Tratado de Educação Física [...]*, como veremos neste artigo, uma série de outros médicos brasileiros se propuseram a lançar luz sobre esta temática ao longo de todo o século XIX. Teses sobre amamentação materna, textos de jornais que recomendavam os tipos de alimentos mais propícios para cada idade da vida, incluindo a criança, manuais que prescreviam a quantidade ideal de refeições nos primeiros anos e dissertações sobre quando e como os alimentos sólidos e mais pesados deviam ser introduzidos na vida dos infantes não foram incomuns aos letrados oitocentistas.

Cumprido destacar que essa tendência já estava em voga na medicina europeia desde os meados do século XVIII, inclusive no que dizia respeito à nutrição da infância. Aos poucos, esses homens de ciência perceberiam “a alimentação da criança pequena como uma prática a ser

---

1. Francisco de Melo Franco foi um médico mineiro, nascido em Paracatu, ano de 1757. Formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, pioneiro no campo da puericultura e um dos mais importantes médicos na corte portuguesa da sua época. É autor de um conjunto de influentes obras no campo da medicina e da filosofia política.

disciplinada” (MARQUES, 2000: 32) pelos médicos, familiares, colégios e, por fim, pelo próprio Estado. Não por acaso, grande parte das teses de medicina sobre a higiene da criança dedicaram um tópico apenas para a alimentação. É o caso do estudo escrito por Cândido Teixeira de Azevedo Coutinho, intitulado *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos [...]*, que considerava o papel dos médicos higienistas na prescrição de uma nutrição mais saudável dentro dos colégios. Nos termos empregados pelo recém-formado:

Importando à saúde pública uma alimentação suficiente e conveniente; sendo o alimento um reparador indispensável do organismo, cujas perdas são contidas e remediadas pela ingestão, e assimilação de alimentos, é intuitiva a utilidade de uma alimentação, que, sem desviar a nutrição de seu ritmo normal, caminhe de acordo com as funções vitais. (COUTINHO, 1857: 16)

Uma série de estudos sobre a história da alimentação dos povos ocidentais, a evolução das dietas e a descoberta dos alimentos como restauradores da saúde ao longo dos séculos entraram para a ordem do dia por meio das teses médicas e dos jornais especializados no Rio de Janeiro. Neste artigo, especificamente, nossa intenção é dialogar com os discursos que tinham como objeto a nutrição infantil, abrangendo desde o leite materno até os nutrientes necessários nos primeiros anos de vida das crianças. Afinal, que tipos de alimentos nutriam os pequenos no século XIX? O que recomendavam os médicos? Qual o papel da alimentação na história da medicina sobre a criança no Brasil? De partida, é importante notar que os primeiros impressos dedicados a pensar a alimentação dos infantes surgiram após a criação das escolas superiores no Rio de Janeiro e na Bahia. A partir de 1808, diversos manuais, tratados e jornais começaram a surgir com o intuito de padronizar o que os médicos chamaram de “a boa nutrição da criança” nas casas das famílias brasileiras. Com a criação da Faculdade de Medicina na capital brasileira, em 1832, o número de estudos dedicados a esta tópica do cotidiano aumentou significativamente. Temos conhecimento de teses e dissertações cujos temas abarcavam o leite materno, a alimentação nas escolas, o uso de alguns tipos de alimentos para a manutenção da saúde e, até mesmo, quando e como introduzir certos nutrientes na dieta dos infantes. No primeiro tópico, nos deteremos sobre a importância dada ao primeiro alimento da vida de um indivíduo: o leite materno. Quais questões envolviam a prática da amamentação e de que maneira os médicos discursaram sobre a relação mãe/filho quando o assunto era o aleitamento. Trazidas à tona tais prerrogativas, o segundo tópico do artigo mapeará a introdução dos alimentos sólidos na vida da criança e os cuidados a serem tomados nessa transição. Por fim, contemplaremos, no último momento da escrita, em que medida a medicina brasileira daquela época compreendeu o alimento como um poderoso instrumento de combate às doenças próprias das primeiras idades da vida.

## **Nutrir no seio**

O sugestivo título de uma tese defendida ainda na primeira metade do século XIX perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, *A amamentação materna é quase sempre possível*, trouxe um esboço de quão indispensável era a presença da mãe no desenvolvimento do infante

desde os primeiros minutos de vida. Escrita pelo doutor José Henrique de Medeiros, o objetivo da obra era convencer as mulheres sobre a importância do aleitamento materno. Ainda no prefácio, o autor pontuava que:

A maternidade é o cunho de divindade, que Deus outorgou-lhe benigno, pelo qual ela [a mulher], dando metade de sua alma e uma parte de seu sangue, se sente renascer no fruto de suas entranhas. Sentimento imortal, o amor de uma mãe para seu filho é o símbolo do amor de Deus para com os homens. Assunto este tão digno, que tem ocupado as mais hábeis penas em todos os tempos! [...] Mas não é somente dando o ser à sua posteridade que a mulher se torna digna do sublime título de mãe; suas funções em relação ao ser que ela conserva em seu ventre, são puramente animais: as necessidades, porém, que ele manifesta, depois que vê a luz, e que são satisfeitas por essa não interrompida série de cuidados, é que tornam a mulher credora de tão grandioso título. Entre os primeiros deveres maternos ocupa o principal lugar o – de amamentarem as mães seus filhos; e da falta do cumprimento deste rigoroso dever resultam inúmeros prejuízos, tanto a elas, como a estes (MEDEIROS, 1848: 2).

Os escritos médicos do século XIX, como fica explícito no excerto de Medeiros, tocaram diretamente na questão da maternidade e do lugar da mulher na sociedade brasileira, primeiro porque havia uma moral burguesa – de feminilidade e de família – que estava sendo transposta da Europa para os trópicos e, segundo, por questões puramente práticas, como frear a grande mortalidade de crianças nos primeiros cinco anos de vida.<sup>2</sup> Paulatinamente, essa tópica de que a mulher nascia filha, crescia esposa e mãe e morria avó, ainda que existente em períodos anteriores, ganhou os bancos das academias no Oitocentos. De acordo com essa proposta, era necessário provar que as mulheres seriam boas educadoras e, portanto, boas mães. Com base na “natureza feminina”, construiu-se um discurso médico que objetivava, ao mesmo tempo, estudar a fisiologia e realizar intervenções no corpo feminino. Dentre uma série de médicos que escreveram sobre a temática, estava Antônio Gonsalves de Lima Torres que, no ano de 1848, defendeu a tese contendo *Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher*. Nas considerações gerais listadas pelo autor, algumas características fisiológicas próprias do sexo feminino foram tidas como justificativas para o lugar social atribuído às mulheres. Como esclarecia o próprio Torres, “a brandura de suas fibras, o tecido celular abundante, a largura da bacia, o afastamento de suas cadeiras, a grossura da aorta abdominal, e de todas as artérias pelvianas, etc., tudo é adequado ao ato fisiológico, que faz, por assim dizer, toda a existência da mulher” (TORRES, 1848: 3). Além disso, continuava o autor, suas formas “graciosas e angelicais” permitiam que elas suportassem as doce-amargas penas da maternidade. Percebiam como o tom das assertivas delegavam à mulher um estatuto natural de mãe, como uma espécie de dom marcado, inclusive,

2. De acordo com Roberto Machado, essa produção discursiva era também um projeto de intervenção social que pretendia romper com certas práticas sociais vigentes desde o período colonial e instaurar a estratégia de um saber científico. CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Procura-se “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”: uma cartografia das amas de leite na sociedade carioca (1850-1888). Tese apresentada à Universidade de Brasília, Brasília, 2006. p. 95. Acreditamos que, mais do que um projeto de intervenção social, os médicos propuseram uma reorganização da sociedade, tendo como justificativa a inclusão da higiene do cotidiano daquelas famílias e a diminuição da mortalidade materno-infantil.

na fisiologia do corpo.

O que pretendiam os letrados,<sup>3</sup> ao disseminar um discurso que propunha despertar as mulheres para a necessidade de criar os filhos, era promover e exaltar a higiene como uma guia das práticas cotidianas entre o público e o privado. Introduzindo tais questões, os médicos implementaram novas formas de viver, conviver e sobreviver deste lado do Atlântico; ou seja, a partir da conservação da saúde e da cura das doenças, as pessoas passaram a viver mais, quantitativamente e qualitativamente. Claro que esse processo foi extremamente lento e gradual, embora perfeitamente detectável na documentação. Prova disso são as teses que destacaram a necessidade da amamentação materna logo após o nascimento da criança até os primeiros anos de vida. Quem dedicou algumas centenas de páginas a esse assunto foi o doutor Francisco Júlio Xavier. Nascido e formado no Rio de Janeiro, Xavier foi o primeiro professor da cadeira de *Partos, moléstias das mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos* da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Inclusive, a tese que o fez vencedor do concurso intitulou-se *Considerações sobre os cuidados e os socorros que se devem prestar aos meninos na ocasião de seus nascimentos e sobre as vantagens do aleitamento maternal*. Por ter sido um dos pioneiros da ciência obstétrica no Brasil, Xavier não se furtou em prescrever a amamentação materna em todos os casos, quase sem exceções. Das muitas vantagens que tiravam mãe e filho dessa prática, o médico destacava as seguintes: o leite materno como um alimento laxativo para o recém-nascido, a criação de um laço afetivo entre a progenitora e sua cria, a prevenção de incômodos diversos – como irritações no útero – que se manifestavam nas mães que não amamentavam, dentre outras. Isso quer dizer que, concomitante às razões que incluíam a afetividade e os laços amorosos entre mães e filhos no momento do aleitamento, existiam outras de ordem fisiológicas que também foram mapeadas e dadas a conhecer pelos médicos da época.

Se uma série bastante ampla de benefícios do aleitamento materno foi apresentada pelos impressos, também umas outras tantas desvantagens foram descritas, nos casos em que essa função continuasse sendo deixada para as amas de leite. Uma memória apresentada à Sociedade de Medicina<sup>4</sup> do Rio de Janeiro, escrita pelo doutor Emílio Joaquim da Silva Maia e comentada pelo doutor Meirelles na *Revista Médica Fluminense*, em 1835, analisou exatamente os prejuízos a que estavam sujeitas as crianças quando não eram amamentadas por suas mães, mostrando que “a mortandade dos meninos em tenra idade é muitas vezes maior nos países onde essa prática existe, do que naqueles onde as mães aleitam seus filhos” (MEIRELLES, 1835, n. 6: 6). O autor defendia que no Brasil, mais que em parte alguma, esses males eram incalculáveis, principalmente quando as amas eram negras africanas, “brutas, infectadas de moléstias que trazem de seus países, e além disso, imorais e depravadas” (MEIRELLES, 1835, n. 6: 6). É importante pre-

3. Além dos médicos, uma série de outros homens de letras promoveram e destacaram esse tipo de discurso, a exemplo dos romancistas, literatos, jornalistas, etc.

4. “A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi organizada com o fim de reunir médicos para debater assuntos específicos sobre saúde e doenças humanas, e também para definir o papel desse grupo frente a questões de saúde pública e do exercício da medicina. O objetivo principal que norteou sua criação, em 30 de junho de 1829, foi o de viabilizar o crescimento das diversas áreas da medicina e ampliar a participação desses profissionais junto ao Governo Imperial em questões referentes à higiene e políticas de saúde pública[...]. Pelo decreto da Regência de 8 de maio de 1835, a Sociedade passou a denominar-se Academia Imperial de Medicina.” Cf. Sociedade de medicina do Rio de Janeiro. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Acesso em: 7 ago. 2015. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/socmedrj.htm>.

venirmos o leitor, desde já, que não pretendemos atestar se era ou não as africanas as responsáveis pela disseminação dos males nos primeiros anos das crianças. O que vale afirmarmos nesse ponto é que os doutores de outrora não eram portadores, como na contemporaneidade se registra, de um conhecimento vasto para detectar o berço de determinadas moléstias e, portanto, era completamente plausível para eles que o escravo trouxesse consigo algumas doenças.<sup>5</sup> Ainda em se tratando da memória escrita pelo doutor Maia é possível perceber algumas observações nesse sentido. A citação a seguir é parte do estudo levado a cabo pelo autor e nos diz muito sobre o entendimento de que algumas doenças eram transmitidas pelas escravas. Ele comentava de “uma negra, que se achava infectada do mal venéreo, complicado de vírus escrupuloso; moléstia que havendo aparecido há dois anos, com o tratamento porque havia passado, só diminuía de intensidade e fizera parada em seus progressos, deixando destruído o véu do paladar, que se achava todo ulcerado” (MAIA, 1834: 4). Ocorreu que essa acabara de ser ama de um menino, “que foi infectado de pústulas mucosas venéreas” (MAIA, 1834: 4). Circunstâncias como essas, concluía o médico, eram de grande peso para provar a necessidade da lactação materna. O que se verifica no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, é um combate sistemático às amas de leite – por razões morais e higiênicas.

Como bem pontuou o redator do periódico *A mãe de família*, o doutor Carlos Costa, “nunca será demais repetir que a verdadeira alimentação das crianças nos primeiros anos é o leite materno. Entretanto, a negligência, o egoísmo, a indolência, a servil submissão às etiquetas sociais, a vaidade e o luxo impedem as mães de cumprirem o sagrado dever que lhes é imposto pela natureza” (COSTA, 1879, n. 9: 66). O mesmo autor desse excerto, prevenia suas leitoras de que algumas mulheres, ainda que perfeitamente aptas a amamentar seus filhos, só não conseguiam fazê-lo por não se vestirem e não se alimentarem segundo os preceitos da higiene no período de gravidez. Por isso, começaram a surgir manuais, tratados e artigos de aconselhamentos às gestantes e parturientes. O que os médicos esperavam era que, por meio dos conhecimentos por eles disseminados, os cuidados necessários antes, durante e após o período de gestação fossem realizados pelas mulheres. Havia, inclusive, prescrições de suplementos alimentares, como preparações tônicas, ferruginosas e óleo de fígado de bacalhau, que, segundo Costa, tinham o poder de modificar as organizações da gestante, tornando-a robusta e forte, ou seja, apta a oferecer o seio para o filho.

O que se nota ao longo das muitas passagens médicas sobre o aleitamento materno é que esta tópica compôs grande parte dos estudos dedicados à alimentação infantil no século XIX. A medicina compreendia, nesse sentido, que a modificação dos hábitos tidos como “viciosos” que jaziam desde a Colônia, era uma porta de entrada para a reestruturação do cuidado com a criança de uma forma mais geral e ampla. Porém, como nem só de crianças recém-nascidas se faziam as estatísticas de mortalidade infantil, as preocupações com a nutrição dos infantes após

---

5. Seguindo o que propôs a historiadora Ana Carolina de Carvalho Viotti, em seu estudo sobre as práticas e os saberes médicos no Brasil colonial, não é nosso objetivo detectar a origem biológico-geográfica das doenças que os médicos atribuíram às amas de leite escravas. Primeiro porque entendemos que o arcabouço teórico da época não dispunha de conhecimentos suficientes para detectar a real origem daqueles males, sendo plausível para os coetâneos que eles viessem com o escravo e, segundo, porque acreditamos que olhar para o Oitocentos tentando corrigir ou lançar algum juízo de valor sobre aquilo que eles legaram a partir dos conhecimentos contemporâneos é, no mínimo, anacrônico.

o período de amamentação também foram dignas de nota desses mesmos médicos.

## Comer no prato

Ainda sobre a disseminação de conhecimentos sobre o primeiro alimento da vida de um indivíduo, muitas outras páginas médicas foram escritas com o intuito de aconselhar as mães a, além de não negarem o seio para seus filhos, também não oferecerem outros tipos de leites que não o materno, exceto em alguns casos específicos de insuficiência de nutrientes. O mesmo Carlos Costa publicou alguns artigos sobre o assunto. Na década de 1880, ou seja, já nos finais do século, ele esclarecia o seguinte:

A primeira coisa que deve preocupar as mães é a maneira de alimentar seus filhos. Se a mãe tem bastante leite, não queira outra alimentação mais que essa. Algumas senhoras dão aos filhos leite de vaca misturado com água pura, ainda quando podem perfeitamente alimentá-los sem grande custo. É um erro, e um erro perniciosíssimo para a criança, cujo estômago não tem fortaleza que baste a suportar este alimento (COSTA, 1880, n. 3: 19).

Havia uma diferença evidente, segundo os médicos, entre o leite materno e os leites dos outros mamíferos – vaca, cabra, burra, etc. Ainda que a criança pudesse – e devesse – ter contato com esses tipos de bebidas após o período de aleitamento materno, era crucial entender quando e como isso deveria ser feito, geralmente após os cinco ou seis meses de idade<sup>6</sup> ou quando os dentes apontassem. Isso significava que o menino estava apto a digerir alimentos mais pesados. Ao longo do século XIX, entrou em debate quais os leites mais benéficos para o infante que acabara de deixar o seio de sua mãe. Para além das discussões relativas ao leite, a introdução de papinhas, sopas, carnes e vegetais também estiveram na ordem do dia das prescrições médicas oitocentistas. O que analisaremos neste segundo tópico é justamente quais alimentos o organismo infantil mais assimilava e em quais quantidades deviam ser ofertados, de acordo com a idade e o estado de saúde do menino.

Quem contribuiu para a disseminação de conhecimentos sobre a nutrição infantil pós amamentação materna foi o médico Antônio Gonçalves D'Araújo Leitão. Em tese defendida no ano de 1840, ao tratar sobre a higiene da infância, o autor comentou alguns pontos importantes da introdução dos alimentos após o leite da mãe. A grande questão que os estudiosos tentavam desvendar, na perspectiva de Leitão, era que

[...] chegado o momento em que o menino deve fazer uso de outros alimentos, quais os que merecem preferência? Devem ser tirados do reino vegetal? Supomos que não. Porquanto o regime vegetal enfraquece os órgãos digestivos, e a circulação, produz pouco calor animal, diminui a atividade da nutrição, faz nascer uma constituição fraca, predispõe as moléstias crônicas, ao escorbuto e

---

6. Esta recomendação foi feita pelo médico José Marciano da Silva Pontes, em tese defendida na Faculdade de Rio de Janeiro. Cf: PONTES, José Marciano da Silva. *Higiene da primeira infância*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia de Quirino & Irmão, 1863, p. 51.

às escrófulas: e seguramente, seria bem prejudicial ao menino, e contrário aos nossos desejos: porque é nosso intento elevar as suas forças, e ajudar a natureza; e só no regime animal, usado com prudência, acharemos matéria para tal fim (LEITÃO, 1840: 19).

Interessante notar a preferência pelas carnes em detrimento dos vegetais nas crianças há pouco saídas do leite materno. Segundo o autor do excerto, para manter a saúde dos infantes nesse momento delicado de transição, o regime animal era sempre preferível ao vegetal. Ele prosseguia, inclusive, indicando uma receita de sopa, preparada da seguinte forma: “Feito o caldo com um pedaço de vitela, e duas, ou três onças de carne de vaca com a casca de um pão faz-se ferver bastante, e à proporção que for desaparecendo o caldo, vai-se deitando mais: deve-se adoçar e aromatizar” (LEITÃO, 1840: 19). Em artigo sobre o combate ao raquitismo na primeira infância, o redator de *A mãe de família* prescrevia, à semelhança de Leitão, que “depois dos 7 meses convém acostumar a criança aos alimentos feculentos, mingaus de leite e farinha, sopas e caldos” (COSTA, 1880, n. 6: 43). A associação entre doença e magreza, saúde e robustez no discurso médico oitocentista é evidente. Essa concepção, que mediou o conhecimento médico durante muito tempo, embasou as práticas de alimentação que visavam tornar as crianças fortes, robustas e com aparência de bem nutridas (PEREIRA, 2008: 151).

Para se ter uma ideia mais exata de como, na hierarquia dos alimentos, o conhecimento médico da época colocava o reino animal acima do vegetal, uma tese sobre a influência da alimentação na moral do homem dizia haver “uma grande diferença nos indivíduos que se alimentam de substâncias animais daqueles que se nutrem de substâncias vegetais” (ROSARIO, 1839: 5). Isso se notava, segundo o autor, porque os primeiros eram dotados de energia, corajosos na guerra, teimosos em suas interpresas, superiores aos segundos nas artes que demandavam muita energia e maiores impulsões. Assim, de uma forma geral, e não apenas na alimentação infantil, os médicos prescreveram os nutrientes da origem animal como imprescindíveis para a manutenção da saúde dos indivíduos. O próximo tópico, a propósito, se centrará na construção da ideia de que o alimento podia auxiliar no tratamento de algumas doenças infantis.

## A cura pelo alimento

Se, em determinadas condições, os estudiosos acreditavam que os alimentos podiam servir de porta de entrada para a disseminação de doenças,<sup>7</sup> também era provável que alguns nutrientes atuavam na prevenção e na cura de algumas doenças que acometiam as crianças à época. Um curioso artigo traduzido *da Gazette Médicale de Paris* para o *Anais Brasilienses de Medicina*, datado de 1858, trazia algumas considerações sobre o emprego do açúcar na medicina das crianças. O autor começava apontando que, para além do açúcar servir para adoçar os medicamentos, os alimentos e as bebidas, esta substância podia se transformar em ácido láctico no estômago ou nos intestinos e, pouco a pouco, em ácido butírico. Segundo o artigo, “mais tarde,

7. Várias eram as causas pelas quais os alimentos podiam ser instrumentos de disseminação de doenças, como, por exemplo: a falta de higiene e cuidados no transporte, a ingestão de alimentos estragados, o abatimento incorreto no caso de animais, dentre outros.



esses ácidos combinam-se com as bases das vias digestivas para formarem lactatos e butiratos, que obram como diuréticos ou como laxativos” (BEHREND; SIEBER, 1858, n. 8: 249). Apesar dos poucos estudos disponíveis até aquele momento, tais possíveis mudanças do açúcar não podiam passar despercebidas. Isso porque, “a sua transformação em ácido láctico deixa perceber que, nas febres, deve atuar, favoravelmente, se se admite que ele forma lactatos” (BEHREND; SIEBER, 1858, n. 8: 249). A busca por saberes mais precisos sobre como atuavam alguns alimentos no organismo, abriu espaço para que os letrados se lançassem na seguinte questão: era possível que a transformação dos alimentos no organismo auxiliasse no tratamento de doenças?

Importa destacarmos, antes de entrar nos pormenores da alimentação como instrumento de prevenção e terapia das moléstias, que as estatísticas de mortalidade infantil entraram para a ordem do dia da medicina nacional à época. Isso porque a quantidade de crianças que morriam nos primeiros cinco anos de idade era extremamente elevada na Corte. Podemos atribuir algumas razões para esse quadro de mortandade precoce: a falta de higiene e cuidados primários desde o parto, o pouco conhecimento que se tinha com relação às doenças que atingiam os infantes, uma certa “naturalização” da morte das crianças que permeava a sociedade brasileira desde a Colônia e ainda outros fatores menos enunciados. Uma das obras mais completas sobre o assunto, surgiu no Brasil anos após o primeiro Recenseamento<sup>8</sup> da população brasileira e foi escrito pelo doutor José Pereira do Rego – o Barão de Lavradio. Em sua [...] *sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças*, vinda à público no ano de 1878, o acadêmico trazia um apanhado geral do movimento da população brasileira antes do censo e nos anos subsequentes, mas foi sobre a mortalidade infantil no Rio de Janeiro que o médico se debruçou mais detidamente. Segundo o que ponderou Lavradio, as proporções consideráveis de morte na infância era o retrato de um país “onde mais de cem mil meninos dados a criar morrem anualmente de fome, de miséria, de falta de cuidado e vigilância, como opina Brochard, e onde, diz o Sr. Bertillon, que um menino nascido tem menos probabilidade de viver uma semana que um homem de viver 90 anos” (LAVRADIO, 1878: 29).

Estudos publicados ao longo do século XIX, incluindo o de José Pereira do Rego, apontavam que as doenças relacionadas ao aparelho digestivo – à exemplo da gastrite, enterites e cólicas, gastroenterites e entero-colites – eram algumas das principais responsáveis pela morte de crianças em seus primeiros anos de vida. Cumpre notar que, neste período, o organismo da criança era compreendido pelos médicos como imaturo para o recebimento de alimentos que não o leite materno, (GIL, 2020: 3) como já foi visto no primeiro tópico. Assim, se uma alimentação incorreta e inapropriada tinha por consequência o aparecimento de moléstias relacionadas à digestão, nutrir adequadamente os infantes tornou-se sinônimo de combate a estas mesmas enfermidades, sobretudo nos primeiros anos de vida. Um exemplo claro disso pode ser encontrado no trabalho escrito pelo doutor Antônio Ferreira Pinto, intitulado *O médico da primeira infância ou o conselheiro da mulher grávida*. No que dizia respeito à nutrição infantil, o estudioso esclarecia que

[...] os materiais que entram no organismo por meio da alimentação têm por

8. O primeiro Censo Demográfico do Brasil aconteceu em 1872, após algumas tentativas pioneiras nos anos de 1850.

um lado de satisfazer as exigências do aumento do peso, volume e perfeição dos órgãos do corpo, e, por outro lado, é necessário que haja predomínio do trabalho de composição sobre o de decomposição dos tecidos, e é por isso que a higiene recomenda o alimento suficiente e de fácil elaboração, e proíbe a fadiga dos órgãos digestivos (PINTO, 1859: 114).

Tal aconselhamento era fundamental na primeira infância, pois a par da debilidade própria dos órgãos digestivos nesta fase da vida, era preciso que as famílias se empenhassem no cumprimento das prescrições, primeiro com a amamentação e depois, gradativamente, com a introdução dos alimentos sólidos; como continuava o autor, “a energia das funções nutritivas está na razão inversa da idade, e com isso se explica a necessidade que tem a criança de mamar tanto mais frequentemente quanto é mais tenra” (PINTO, 1859: 115). Uma outra tese interessante para pensarmos esse assunto foi apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1841 pelo médico José Joaquim Teixeira. O acadêmico introduziu alguns alimentos no tratamento das aftas dos meninos pequenos. A terapêutica descrita por Teixeira incluía a amamentação como um remédio eficaz para quando a moléstia se manifestasse de modo mais brando. Ele sugeria que “o leite só, sem algum outro tópico mais, é bastante para combatê-las: se o leite não for bom, ou se a moléstia atacar algum menino exposto a quem não se possa dar logo uma boa nutrição deve-se lançar mão de água açucarada, água de arroz e outras bebidas refrigerantes” (TEIXEIRA, 1841: 15). Indicações como esta foram comuns nas teses e artigos de jornais que dissertaram sobre as doenças infantis ao longo do século XIX. De fato, fica manifesto que a boa nutrição era determinante, tanto para a manutenção da saúde quanto para a sua restauração. A partir desse momento, uma série de conhecimentos sobre as propriedades dos alimentos e a forma como cada nutriente reagia no organismo infantil, seja para o bem ou para o mal, entraram para a ordem do dia da medicina brasileira e, conseqüentemente, contribuiu para a estruturação de uma ciência médica especializada nesta idade da vida: a pediatria.<sup>9</sup>

## Considerações finais

Depois de apresentar uma parcela relevante do que se obrou sobre o cuidado com a infância no Brasil oitocentista, convém pontuarmos que este artigo faz parte de uma proposta maior: a de analisar como e por que a medicina de outrora se preocupou, cada vez mais, em sistematizar um conjunto de conhecimentos relacionado às primeiras idades da vida após a abertura das primeiras escolas e faculdades de medicina no século XIX. Ao fim e ao cabo, o que se espera responder com a leitura de uma série documental é por quais razões e de que modo o médico tomou para si a missão de tratar – e ensinar a tratar – os seres mais frágeis. Completamente inserida neste panorama, a alimentação deve ser lida e entendida como peça chave para a construção dessa

9. Entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, aconteceram importantes tentativas da sociedade, das instituições e do Estado de dar corpo à institucionalização da pediatria no Brasil. A *Policlínica Geral do Rio de Janeiro*, fundada em 1881, acolheu o primeiro curso da especialidade pediatria, ministrado por Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, a partir de 1882. A partir de então é que podemos falar em um curso de especialidade pediátrica no Brasil. Cf. PEREIRA, Júnia Sales. **História, Ciência e Infância**: narrativas profissionais no processo de singularização da pediatria como especialidade. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 68.

ciência médica especializada no Brasil em finais do Oitocentos. Afinal, a saúde – e, por vezes, a doença – também entrava pela boca.

## Referências

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Procura-se “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”**: uma cartografia das amas de leite na sociedade carioca (1850-1888). Tese apresentada à Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

COUTINHO, Candido Teixeira de Azeredo. **Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1857.

FRANCO, Francisco de Melo. **Tratado de educação física dos meninos para uso da nação portuguesa**. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1790.

GIL, Caroline Amorim. **Medicina, maternidade e alimentação infantil nas primeiras décadas do século XX**. 17º SNHCT ANAIS ELETRÔNICOS. Acesso: [https://www.17snhct.sbhc.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1597067535\\_ARQUIVO\\_f936f18471c933721ac49233d01216b3.pdf](https://www.17snhct.sbhc.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1597067535_ARQUIVO_f936f18471c933721ac49233d01216b3.pdf).

LAVRADIO, Barão do. **Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças [...]**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1878.

LEITÃO, Antônio Gonçalves D’Araújo. **Dissertação sobre a higiene da infância**. Tese apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, 1840.

MAIA, Emílio Joaquim da Silva. **Ensaio sobre os perigos a que estão sujeitos os meninos quando não são amamentados por suas próprias mães**, apresentado na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro na sessão de 18 de junho de 1834. Rio de Janeiro: Tipografia de R. Ogier, 1834.

MARQUES, Marília Bernardes. **Discursos médicos sobre seres frágeis**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

MEDEIROS, José Henrique de. **A amamentação materna é quase sempre possível**. Tese sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1848.

PEREIRA, Júnia Sales. **História, Ciência e Infância**: narrativa profissionais no processo de singularização da pediatria como especialidade. Brasília: Argvmentvm, 2008.

PINTO, Antônio Ferreira. **O médico da primeira infância ou conselheiro da mulher grávida**

**e higiene da primeira infância.** Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1859.

RELATÓRIO do Sr. Dr. Meirelles sobre a memória do Sr. Dr. Maia acerca dos perigos a que estão sujeitos os meninos quando não são amamentados por suas mães. **Revista Médica Fluminense**, set. de 1835, n. 6.

ROSARIO, Alexandre José do. **Dissertação sobre a influência dos alimentos e bebidas sobre a moral do homem.** Tese apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia de Laemmert, 1839.

TEIXEIRA, José Joaquim. **Considerações gerais sobre as aftas dos meninos.** Tese apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário de N. L. Vianna, 1841.

TORRES, Antônio Gonsalves de Lima. **Breves considerações sobre o physico e o moral da mulher nas diferentes phases da sua vida.** Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1848.

XAVIER, Francisco Júlio. **Considerações sobre os cuidados e os socorros que se devem prestar aos meninos na ocasião de seu nascimento; e sobre as vantagens do aleitamento materno.** Tese apresentada e sustentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional, 1833.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012.

*Artigo submetido em 30/04/2021*

*Aceito em 14/06/2021*